
O campo de força narrativo nas “teorias” conspiratórias¹

Renata Gomes²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo

Este trabalho propõe que as teorias conspiratórias contemporâneas não são teorias, no sentido epistêmico do termo, mas narrativas que visam à produção de uma racionalidade fundamentalmente ancorada no terreno da secundidade, que tende a dificultar a possibilidade de saltos maiores à terceiridade dissertativa, mais propriamente análoga aos processos abduativos, indutivos e dedutivos. A partir de Santaella, busca-se analisar a relação entre narrativa e secundidade; a partir de Ryan e Herman, o conceito de *storyworld* e, a partir de Lotman, Leone, Madisson e Vetsel, a natureza semiótica e epistemológica dos metatextos conspiratórios, pleiteando que o combate ao conspiracionismo passa pela proposição de formas alternativas de narrar e pensar o mundo.

Palavra-chave: narrativa; teorias conspiratórias; secundidade; *storyworld*; metatexto

Introdução

Este ensaio propõe que as teorias conspiratórias contemporâneas – especialmente aquelas produzidas e disseminadas por movimentos de extrema-direita em torno do bolsonarismo, no Brasil, e do MAGA de Trump, nos Estados Unidos – visam à produção de um modo fundamentalmente *narrativo* de pensar o mundo, uma racionalidade excessivamente ancorada no terreno da secundidade e que tende a dificultar as possibilidades de saltos maiores à terceiridade. Mais especificamente, propomos que, para produzir o metatexto conspiratório (MADISSON, 2014) através do qual os grupos bolsonaristas e MAGA codificam a si mesmos numa estrutura binária “próprio x alheio” (NAKAGAWA; NAKAGAWA, 2022), o conspiracionismo cria um campo de força narrativo capaz de centrar seu público na secundidade – o domínio da experiência factual, da resistência e da alteridade – e dificultar um salto qualitativo maior ao nível terceiridade, onde se encontram as generalizações, as leis e os sistemas interpretativos mais complexos, sem os quais é impossível a compreensão do mundo contemporâneo. Neste sentido, propomos que as “teorias conspiratórias” são, de fato, *narrativas*, e só são “teorias” na medida em que visam a construir em seu público um mapa cognitivo epistemicamente pobre para interpretar o mundo.

¹ Trabalho apresentado no GP 29 - Semiótica da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, professora do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. E-mail: renatafgomes@ufrb.edu.br

Para tanto, partiremos das reflexões de Lucia Santaella, de Marie-Laure Ryan e David Herman e de Iuri Lotman, sobretudo como atualizado por Leone, Madisson e Ventsel, para pensar a natureza semiótica e epistemológica da narrativa e dos metatextos conspiratórios da extrema-direita. De Santaella (2001), buscamos a relação entre narrativa e secundidade, ou seja, da narrativa como uma matriz de linguagem e pensamento que “tende a registrar através do convencional (...) o universo da secundidade peirceana: dos fatos existenciais, da dualidade agente-paciente (de ações), do esforço-resistência, do agir sobre objetos externos...” (SANTAELLA, 2001, p. 323), em que a terceiridade está presente sobretudo na dimensão lógica da causalidade, que, no entanto, difere da matriz dissertativa, mais propriamente análoga aos processos abduativos, indutivos e dedutivos.

Já da narratologia cognitivista de Ryan e Herman, trazemos o entendimento de *storyworld* como “modelo mental” necessário à compreensão narrativa, que não apenas permite aos leitores a reconstrução de uma sequência causal de eventos, mas a possibilidade de “habitar de forma imaginativa (emocional, visceral) um mundo em que as coisas importam, agitam, exaltam, repulsam e proveem contexto para o riso, a dor” (HERMAN, 2012, p. 569). Desta forma, *storyworlds* são “ambientes mentais e emocionais projetados, nos quais os intérpretes da história são instados a viver misturas complexas de respostas cognitivas e imaginativas”. Com Ryan (2006, 2014), pensamos ainda na natureza transmidiática dos *storyworlds* conspiracionistas do bolsonarismo e do MAGA, que distribuem “pistas textuais” por várias mídias e canais, o que ajuda, defendemos, a fortalecer sua ligação aparentemente indicial com a realidade.

Por fim, com Lotman (2023, 2008), Leone, Madisson e Ventsel (2020), tentamos pensar a natureza semiótica e epistemológica do *storyworld* conspiratório como metatexto, para aprofundar nossa afirmação acerca do “campo de força narrativo”, que, defendemos, ao manter os sujeitos no território da secundidade, dificulta a elaboração crítica e os aprisiona num presente atemporal de ameaças e reações. Assim, tentamos plantar as bases para pensar formas de contraposição ao conspiracionismo vigente, entendendo que o caminho para enfrenta-lo implica não apenas disputar os binarismos por ele criados, mas propor formas alternativas de narrar (e pensar) o mundo que conduzam a maneiras mais elaboradas de terceiridade e, assim, à compreensão mais sofisticada de causas históricas, sociais e políticas dos fenômenos no mundo contemporâneo.

Referências

- HERMAN, D. Storyworld. *Em: Routledge Encyclopedia of Narrative Theory*. London, New York: Routledge, 2012.
- LEONE, M. *et al.* Semiotic Approaches to Conspiracy Theories. *Em: Routledge Handbook of Conspiracy Theories*. Abingdon: Routledge, 2020.
- LOTMAN, I. **Mecanismos imprevisíveis da cultura**. São Paulo, SP: Hucitec Editora, 2023.
- LOTMAN, J. M. Caza de brujas: la semiótica del medio. **Revista de Occidente**, [S. l.], n. 329, p. 5–33, 2008.
- MADISSON, M. The semiotic logic of signification of conspiracy theories. **Semiotica**, [S. l.], v. 2014, n. 202, 2014. DOI: 10.1515/sem-2014-0059. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/sem-2014-0059/html>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- NAKAGAWA, R; NAKAGAWA, F. As culturas binárias e ternárias: da intolerância à tradução semiótica. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 201–217, 2022. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.198470.
- RYAN, M. **Avatars of Story**. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2006.
- RYAN, M. Story/Worlds/Media: tuning the instruments of a Media-Conscious Narratology. *Em: Storyworlds Across Media: Towards a Media-Conscious Narratology*. Lincoln, London: University of Nebraska, 2014. p. 25–49.
- SANTAELLA, L. **Matrizes da Linguagem e Pensamento: Sonora Visual Verbal**. Sao Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001.